

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM EM CICLOS NA VISÃO DAS DOCENTES DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DO RECIFE

Viviane Alves deLima - UFPE¹

Bruna Tarcília Ferraz-UFPE²

RESUMO: Este artigo traz uma breve reflexão acerca da avaliação escolar no sistema de ciclos na perspectiva dos docentes que atuam na rede de municipal do Recife. Objetivamos discutir sobre o posicionamento dos docentes em relação a avaliação da aprendizagem nessa organização de ensino, as possíveis contribuições para o aprendizado e desenvolvimento dos alunos, os pontos positivos e negativos da avaliação em ciclos. Utilizamos uma abordagem qualitativa com pesquisa bibliográfica e realização de entrevistas semi-estruturadas com docentes que já atuavam na rede de ensino anteriormente ao ano de 2002, possuindo experiência tanto na escola seriada, quanto na ciclada. Após a análise dos dados, concluímos que as docentes em sua maioria apontam para a necessidade de melhor preparação, acompanhamento e estrutura para vivenciarem a avaliação em ciclos.

Palavras-chave: avaliação escolar, ciclos de aprendizagem, prática docente.

1. INTRODUÇÃO

A nossa docência em escola pública nos permitiu presenciar inúmeros discursos de educadores que vivenciavam a prática de avaliar a aprendizagem no sistema de ciclos no município do Recife. Nesse processo, eram frequentes as declarações das inquietações acerca de avaliar de acordo com os pressupostos preconizados pelos ciclos.

Este trabalho tem como objetivo geral entender como se dá o processo de avaliação no ensino fundamental dentro do sistema de ciclos. Buscamos então, analisar nesse processo, os entraves entre a proposta da avaliação no sistema de ciclos, em contraponto com as condições oferecidas aos docentes para a efetivação da prática

¹ Pedagoga – Centro de Educação – UFPE; professora da rede municipal do Recife. E-mail: vivipedagoga23@yahoo.com.br

² Doutoranda – Centro de Educação – UFPE; professora da UFRPE. E-mail: btf1@hotmail.com

avaliativa propriamente dita.

Temos como proposta, investigar a percepção dos professores acerca da relação entre a avaliação nos ciclos e a aprendizagem dos alunos nas escolas do Recife; discutir sobre a posição dos docentes com relação aos pressupostos que norteiam a avaliação no ensino fundamental dentro do sistema de ciclos; e identificar se na percepção dos professores, o sistema de avaliação em ciclos contribui para o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos, analisando os pontos positivos e negativos dessa proposta de avaliação.

Destacamos a relevância acadêmica deste trabalho por aprofundar o debate em torno dos ciclos de aprendizagem, na busca por compreender o fenômeno da avaliação no ensino fundamental dentro desse sistema, possibilitando a reflexão sobre o que vem sendo realizado no ensino fundamental I e o que é apontado como sendo a perspectiva mais adequada para avaliar no ensino fundamental.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. A proposta dos Ciclos de Aprendizagem

Os ciclos de aprendizagem compreendido em diversos países (Brasil, França, Espanha, etc.), como sendo uma organização de ensino em que o aluno segue seu próprio ritmo de aprendizagem podendo aprender continuamente pelo período de dois a três sem reprovações, sendo promovido automaticamente dentro de cada ciclo. O aluno poderá ser reprovado ao final de cada ciclo, caso não tenha se apropriado dos objetivos previstos para o mesmo, e em alguns casos a reprovação é totalmente abolida (Mainardes, 2007).

O estado de São Paulo foi um dos precursores do sistema de ciclos, implantado no estado numa fase de transição e de redemocratização política, no governo de Franco Montoro, em 1984. O quadro encontrado por Montoro foi de baixa qualidade de ensino, taxas elevadas de evasão e um índice muito grande de repetência, principalmente na primeira série. Dentre outras medidas, o sistema de ciclos pretendia não reprovar e fazer uma reforma curricular que se adequasse à realidade do aluno. Entretanto, apesar da implantação dos ciclos nesse estado ter sofrido muitas críticas não só por parte dos educadores, mas da sociedade em geral, este modelo serviu de motivação para que outros estados o implantassem (VILLAR, 2006, p. 25).

O suíço Perrenoud (2000) tornou-se uma das principais referências para a implantação dos ciclos de aprendizagem em diversos países. Segundo ele, os seguintes

princípios devem ser considerados nos ciclos de aprendizagem: continuidade das aprendizagens; flexibilidade na organização do ensino; rompimento da estruturação do curso em programas anuais, enfatizando a construção contínua de competências-chave, tendo cada criança que prosseguir em seu próprio ritmo.

No caso específico do município do Recife, a mais recente substituição da seriação pela implantação dos ciclos ocorreu em 2002, na gestão do prefeito João Paulo, tendo dentre os princípios dessa proposta combater os altos índices de evasão e repetência.

Na rede supracitada, o sistema de ciclos é estruturado em 4 blocos. Sendo o primeiro com duração de 3 anos (da antiga alfabetização à segunda série), e os três ciclos subsequentes com duração de 2 anos cada. O aluno é promovido automaticamente dentro de cada ciclo, tendo assim um tempo mais longo para se apropriar das competências previstas para o ciclo correspondente. A retenção só pode ocorrer no 3º ano do 1º ciclo (caso o aluno não tenha se apropriado da escrita alfabética) e nos módulos II e IV de EJA e no 2º ano do Ensino Médio, caso o aluno não tenha se apropriado das competências previstas no ciclo (Recife, 2003 e 2005).

2.2 Discutindo a avaliação da aprendizagem no Sistema de Ciclos

A avaliação em ciclos passa a ter função diagnóstica que é utilizada tanto no início do processo ensino aprendizagem afim de verificar os conhecimentos prévios dos alunos como durante a avaliação processual para verificar as possíveis dificuldades dos alunos e assim redirecionar a prática (Mediano, 1977) ; processual definida como sendo um contínuo acompanhamento do passo a passo do alunado e do ensino por parte do professorado, (Casanova, 2002); cumulativa que trata-se de uma avaliação realizada ao término de um período para determinar ou julgar as competências e os conhecimentos do aluno ou a eficiência de um plano ou de uma atividade, (Inep, 2008) ; reflexiva onde o docente reflete sobre sua prática repensando sua atuação (Recife, 2003).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa (BOGDAN, R.BIKLENS, 1994), através de pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo em 2 escolas da rede municipal do Recife com coleta de dados por meio de 11 entrevistas semi-estruturadas com docentes. Utilizamos a análise de conteúdo por categoria pensada por Bardin (1997).

4. ANÁLISE DOS DADOS

4.1 . Pontos positivos e negativos da avaliação em ciclos

De maneira geral, observa-se que as docentes consideram como pontos positivos da avaliação em ciclos o fato dos alunos terem um tempo maior para se apropriar das competências instituídas, sem a pressão de um tempo pré- determinado para alcançarem esses saberes:

“Leva em conta todo o processo de aprendizagem do aluno e não apenas aquele momento estanque em que ele fez a prova”
(Professora 1, escola A)

“Dá mais tempo pro aluno que não conseguiu atingir as competências” (Professora 2, Escola A)

É possível perceber nas falas das docentes concordâncias com alguns princípios dos ciclos da aprendizagem, tais como: princípio do reconhecimento das diferenças, que considera diferentes ritmos de aprendizagem; princípio da integralidade que rompe com a padronização, a seriação e a fragmentação do conhecimento (Diretoria Geral de Ensino/SE/Prefeitura do Recife, 2003, p.144, 145).

Quando questionadas acerca do modo como adquiriram o conhecimento da sistemática da avaliação, a maioria das docentes destacou ter adquirido o conhecimento acerca da avaliação em ciclos por meio de capacitações depois da implantação dos ciclos. Capacitações estas, repassadas pelas coordenadoras que, segundo as entrevistadas deixaram a desejar, pois ainda são inúmeras as dúvidas das docentes acerca do modo correto de avaliar nesse sistema. Desse modo, o conhecimento que possuem acerca do processo de avaliação nesse sistema se deu principalmente através da prática, como podemos verificar nas falas a seguir :

“Conhecimento nenhum. Vai dormir sistema seriado, acorda no outro dia no sistema de ciclos e aí foi assim empurrado de guela abaixo, sem muita orientação” (professora 6 , Escola B)

“(…) colocaram algumas pessoas, mas ficou tudo muito solto, cada um vinha e explicava de acordo com a sua compreensão

(...) hoje a gente não sabe realmente se o que a gente registra na caderneta é o que realmente deve ser.” (professora 8, escola B)

Assim, percebemos que uma proposta pedagógica comprometida com a qualidade do ensino, deve estar pautada numa preparação prévia para uma atuação de qualidade daqueles que irão trabalhar diretamente com esta prática. De acordo com Barreto e Mitrulis (2001):

“A falta de capacitação constitui, por sua vez, uma queixa mais geral entre os professores que trabalham sob o regime de ciclos, de vez que a pretendida mudança dos referenciais de organização da escola que pautava o seu trabalho faz com que se sintam muito inseguros em relação ao modo de atuar. Daí a insistência numa preparação prévia para enfrentarem os novos desafios” (2001, p.129)

Outra queixa das docentes refere-se ao modo como está estruturada a caderneta, que segundo elas não permite que possam registrar o desenvolvimento real do aluno, não dando margem para que as docentes possam registrar quando, por exemplo, o aluno não construiu as competências,

(...) há um mascaramento do resultado” (professora 2, Escola A)

“(...) esses critérios até hoje são muito amplos, então muitos alunos são enquadrados, num determinado critério e nem sempre eles estão condizendo com aquilo que está sendo avaliado (...) a gente tem alunos que mesmo estando todos os dias na escola, inclusive alunos com necessidades especiais, que não constrói, mas a gente não pode colocar que não constrói (...)” (professora 3, Escola A)

No entanto, o registro deve ser um subsídio de suma importância para a prática do professor, pois é através desses registros que o professor pode analisar sua prática, avaliando não somente os alunos, mas sua própria atuação, como afirma Silva (2004, p. 69):

“O registro da avaliação representa a documentação não somente do processo avaliativo, mas, sobretudo, da dinâmica do trabalho (...). A documentação da prática docente não pode se efetivar como uma exigência e um procedimento burocrático a ser entregue à secretaria. A escrita da ação docente assume a feição de um diário etnográfico do professor-pesquisador.”

Importante é destacar também, que duas das entrevistadas destacaram a importância do planejamento coletivo como algo imprescindível para a efetivação da avaliação no sistema de ciclos, porém, segundo as docentes não há tempo disponíveis para as mesmas poderem socializar registros e experiências, e elaborarem melhor seus planejamentos, como se observa nos seguintes depoimentos:

“(...) tudo que a gente registra do aluno fica guardado só pra gente, que a gente não compartilha com ninguém (...)”
(professora 8, Escola B)

Essa importância que é destacada nestes depoimentos das docentes está em consonância com uma das concepções de avaliação na perspectiva dos ciclos de aprendizagem, instituída pela própria rede municipal em que as docentes atuam:

“(...) a avaliação assume o sentido dinâmico, diverso e processual, o que exige ação e trabalho coletivos dos educadores, no planejamento e em todo o processo (...) o professor precisa sistematizar e registrar o processo ensino-aprendizagem, como um guia que referencie a mediação coletiva (...) (Recife, 2003, p. 152 e 153)

Outro fator importante destacado para a efetivação dos ciclos é o acompanhamento extraclasse para os alunos que não conseguirem alcançar as competências instituídas, como fica claro na seguinte citação:

“(...) entre um ciclo e outro, além de todas as possibilidades de reorganização que poderão surgir no âmbito da autonomia da instituição escolar, serão assegurados espaços complementares

de aprendizagem àqueles que não alcançaram as competências nos tempos regulares definidos para cada ciclo” (Diretoria Geral de Ensino/ SE/ Prefeitura do Recife, 2003 pag. 165)

No entanto, uma docente destaca que esse acompanhamento não vem acontecendo conforme o que é proposto pela própria política dos ciclos. Pois esses acompanhamentos vêm se dando de modo insuficiente, pela falta de especialistas para atender necessidades específicas.

“O aluno precisa ter um acompanhamento fora do tempo do horário dele de aula, com qualidade, que às vezes eles não tem (...) E se tiver algum aluno com necessidade especial, daqui que chegue o apoio demora bastante”

Importante é destacar também, que outro entrave a uma atuação de qualidade na avaliação do sistema de ciclos foi apresentado por uma das entrevistadas, quando menciona a questão do quantitativo elevado de alunos na sala de aula, o que dificulta um atendimento individualizado, como relata a Professora 10, Escola B: *“É por isso que eu exijo tanto a quantidade de alunos numa sala de aula, porque não há condições da gente trabalhar numa turma de 35 alunos, olhar um por um.”*

Considerações Finais

As docentes apesar de terem saído do sistema seriado sem uma preparação adequada, esforçam-se para compreender essa prática avaliativa e aplicá-la. Porém, a falta de preparação prévia e as defasagens advindas das formações posteriores, não fornece às docentes o conhecimento e esclarecimento necessários à sua atuação.

Reconhecemos que a avaliação em ciclos apresenta aspectos positivos, tais como: considerar que cada um tem seu próprio ritmo de aprendizagem e que esta, por sua vez, não pode ser aferida por um único instrumento ou momento, como era conferido à seriação; além de não padronizar as situações avaliativas, considerando que os alunos devem ser avaliados de acordo com seus próprios avanços e erros, ao invés de serem comparados uns entre os outros, mas reconhecer a singularidade de cada aluno, valorizando suas conquistas e respeitando suas limitações e possibilidades.

Porém, é necessário os aparatos indispensáveis para que os professores cumpram os princípios preconizados pelos ciclos. Através de situações de formações, debates e

socializações onde os professores possam ser ouvidos, expondo suas principais dificuldades e necessidades e tendo a certeza que essas dificuldades serão levadas em consideração, conferindo aos docentes, inclusive, a oportunidade de serem coparticipantes da elaboração das propostas, ao invés dessas decisões virem verticalizadas, pois ninguém melhor que os próprios docentes que atuam diretamente com o ensino para detectarem as reais dificuldades e necessidades do sistema escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, L **Análise de conteúdo**. [s.l.] Edições 70, 1997. 281p.
- BARRETTO, Elba Siqueira de Sá e MITRULIS, Eleny. **Trajetória e desafios dos ciclos escolares no país**. In: Revista Estudos Avançados/ USP, nº 42, São Paulo, 2001, p. 103-139.
- BOGDAN, BIKLENS. **Investigação Qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Editora, 1994, p. 47-51.
- CASANOVA RODRIGUES, Maria Antônia. Evaluación en el Sistema Educativo. In: *Congreso de Estrategias de Intervención en la Educación Primaria y Secundaria*. Salamanca: INICO , 2002, p. 13-16.
- RECIFE, 2003. **Tempos de aprendizagem, identidade cidadã e organização de educação escolar em ciclos**.
- RECIFE, 2005. **INSTRUÇÃO Nº 01/05-DIRE/DIAE**.
- INEP/MEC. **Estrutura das relações hierárquicas. Estrutura do termo**. (Disponível em: <http://www.inep.gov.br>)
- MAINARDES, Jefferson. **Reinterpretando os Ciclos de Aprendizagem**. São Paulo: Cortez, 2007.
- MEDIANO, Zélia Domingues. **Significado de medida e avaliação**. In: Módulos Instrucionais para medidas e avaliação em educação. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977, p. 30-37.
- PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia Diferenciada: das intenções à ação**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SILVA, Janssen Felipe da. **Avaliação na perspectiva formativa-reguladora: pressupostos teóricos e práticos**. Porto Alegre: Mediação, 2004, p. 57-80.
- VILLAR, Ana Paula Russo. Avaliação da aprendizagem no sistema de ciclos no município do Recife. Monografia, FAFIRE. 2006.

